

QUANDO DEUS SE ATRASA...



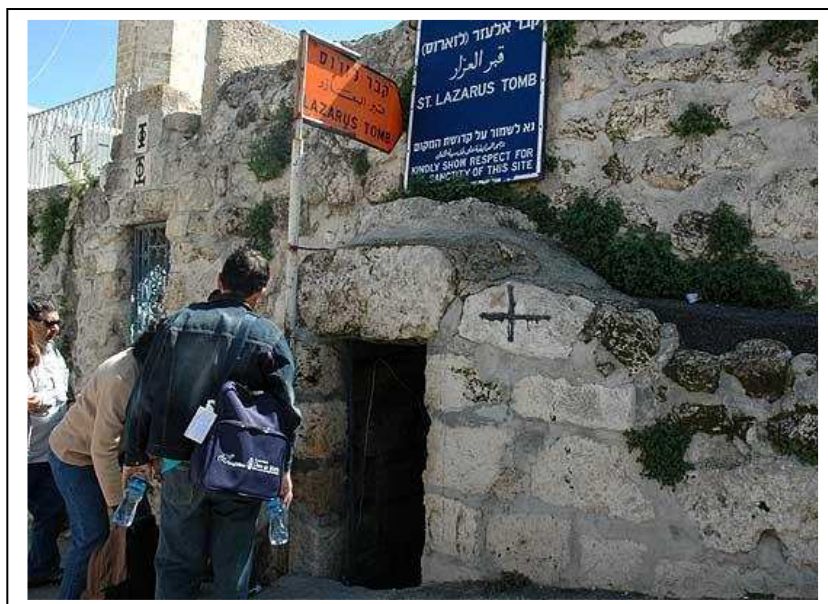
“Chegando pois Jesus, encontrou-o já com **quatro dias de sepultura**... Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, irmã do defunto, disse- lhe: Senhor, já cheira mal, porque **está morto há quase quatro dias**.” (João 11:17, 39)

O ministério de Jesus na terra foi marcado por diversos desafios. Certamente o maior deles foi enfrentar e vencer a morte.

Os confrontos de Jesus com o poder da morte são relatados nas Sagradas Escrituras em pelo menos quatro ocasiões. Além de enfrentar e vencer a própria morte (cf. Mateus 27:63; 28:6), Jesus ressuscitou:

- a) O filho de uma mãe viúva, moradora da cidade chamada Naim (cf. Lucas 7:11-15);
- b) A filha de Jairo, chefe da sinagoga (cf. Lucas 8:41-42, 49-55);
- c) O amigo Lázaro (irmão de Marta e Maria), morador da cidade chamada Betânia (cf. João 11:1-44).

As duas primeiras ressurreições têm uma semelhança entre elas. O filho da mãe viúva e a filha de Jairo foram ressuscitados poucas horas depois da ocorrência do óbito. Isso porque a regra básica determinava que os mortos fossem enterrados no menos espaço de tempo possível (cf. Deuteronômio 21:22-23), algo em torno de oito horas.



Porém, no caso de Lázaro, a ressurreição do mesmo só ocorreu no quarto dia do falecimento. Ao se estudar com maior profundidade, o contexto da narrativa bíblica, é possível notar algumas atitudes bastante propositalis por parte de Jesus.

Informado sobre a grave enfermidade do amigo Lázaro, de Betânia, Jesus

inicialmente demonstra um aparente menosprezo. Ele ignora a gravidade da situação e deixa de atender a solicitação de Maria e Marta imediatamente (cf. João 11:6). Mas havia razões para isso.

A literatura rabínica sugere que, após alguém ser enterrado, o sepulcro devia ser visitado durante três dias para assegurar que a pessoa estivesse realmente morta. Por isso o defunto era envolvido em panos e, junto dele, eram colocados grandes quantidades de perfumes¹ e especiarias para neutralizar os odores da decomposição.²

Entre os judeus, pensava-se que a alma do defunto vagueava por três dias ao redor do corpo, na esperança de penetrar novamente nele, mas, no quarto dia, iniciada a decomposição, ela se afastava para sempre. O rabino Bar Qappara ensina que *“a força total da lamentação não ocorre antes do terceiro dia, pois durante três dias a alma retorna ao túmulo, pois pensa que retornará [ao corpo]; no entanto, ao perceber uma mudança na cor da face do corpo, ela se vai e deixa o corpo”*.³

Jesus esperou para aparecer no quarto dia, para inexistir quaisquer dúvidas sobre a real morte de Lázaro, no momento dele ser chamado para sair do túmulo. A demora de Jesus, nesse caso, foi necessária para eliminar toda esperança de intervenção humana diante do infortúnio familiar.

Da mesma forma hoje, em muitos momentos de nossa vida, Deus “se atrasa” até que a nossa autossuficiência seja dissipada e dependamos inteiramente dEle. É comum nós nos lembrarmos de Deus apenas em ocasiões onde todas as nossas tentativas humanas fracassaram. No “jogo” da vida, muitas vezes a intervenção divina só é requisitada por nós no final do segundo tempo da prorrogação. Nesse período muita energia foi gasta e estamos próximos do esgotamento físico, mental e espiritual.

Muitas bênçãos de Deus deixam de ser derramadas sobre nós porque temos dificuldades em reconhecer essas bênçãos como resultadas da infinita Graça de Deus sobre nossa vida. Temos por natureza o hábito de considerar a conquista das coisas boas desta vida como simples decorrência do nosso esforço e dos nossos méritos. Mas isso é um grande engano (cf. Isaías 48:11; Salmo 127:1; Romanos 11:36).

Precisamos nos lançar totalmente aos pés de Jesus e crer que *“toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto”* (cf. Tiago 1:17). É esse tipo de reconhecimento que habilita o agir de Deus em nós. Afinal, **o que limita a ação de Deus em nós é o espaço que damos a Ele**. Sendo assim, descansemos sobre a *“sombra do Onipotente”* (cf. Salmo 91:1), pois *“Ele tem cuidado de nós”* (cf. 1Pedro 5:7).

¹ Na antiguidade, era costume fazerem-se visitas periódicas ao túmulo, no primeiro ano após a morte. Talvez fosse por isso que colocavam tantos perfumes. Para o sepultamento de Jesus, José de Arimatéia e Nicodemos providenciaram cerca de 35 kg de mirra e aloés (cf. João 19:39).

² COLEMAN, William L.. *Manual dos tempos & costumes bíblicos*. Trad. Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 291 p.

³ RICHARDS, Lawrence O.. *Comentário histórico-cultural do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 223 p.